PQ9697
.L58
F6
1924

FOGO FATUO

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

PURCHASED ON THE

DR. AND MRS.
JOSEPH EZEKIEL POGUE
ENDOWMENT FUND

PQ9697
L58
F6
1924
c. 1 mim
6-1-8-91

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9697
.L58
F6
1924

00005200187

FOGO-FATUO

HENRIQUETA LISBOA

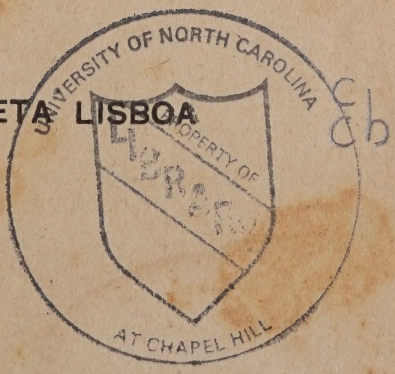
A Murillo Araujo - o poeta
das subtilezas maravilhosas -
offereço, com toda a minha admiração.
Henriqueta Lisboa
Rio, 1936

R. V de Sá Queiroz 83
Tijuca

PQ9697
.L58
F6
1924

FOGO FATUO

HENRIQUETA LISBOA



(Capa de Correia Dias)

PREFACIO

por Augusto de Lima

(da Academia Brasileira de Letras)

Nunca me preoccupou, na apreciação das obras de arte, que fossem inspiradas em determinado assumpto, ou obedecessem á disciplina desta ou daquella escola. Não vale mais a pena refutar os exclusivismos de Boileau, e tão pouco os dos futuristas sectarios de Marinetti. E quanto á arte da poesia, devemos todos convir em que o Parnaso não é um cenobio, como o queria o classismo, que reduzia o verso á obediencia passiva das normas prestabelecidas e consagradas pelos canones do MAGISTER DIXIT; nem, muito menos, se deixa converter a collina de Apollo em colonia de alienados.

Para mim, não passam de nomes de guerra as denominações das escolas literarias. Em poesia, os versos são bons ou são máus, conforme obedeçam ou não ás leis da esthetica. Estas têm o seu fundamento na natureza humana e encontram a sua unica razão de ser no bom gosto, que é a conformidade entre a emoção e a justa medida da producção de arte capaz de despertal-a. Taes leis tanto se manifestam nos versos rigorosamente medidos da uniformidade parnasiana, como nos versos livres, ainda que technicamente metrificados, dos poetas symbolistas ou decadentes. Em versos errados, porem, é que nunca se poderá encontrar a poesia; não só errados quanto ao metro, como quanto á combinação com outros de metro infenso á harmonia e ao rythmo do conjuncto.

A evolução morphologica da poesia, em todos os povos modernos do Occidente levou-a a fixar-se em certos

padrões metricos, em que a inspiração dos poetas se tem sentido á vontade. A epopéa revestiu-se do verso heroico, ou de dez syllabas. Foi esta a regra, de que o alexandrino francez ficou sendo a excepção, e tão seductora, que mais modernamente a poesia portugueza a adoptou quasi de modo invariavel nos assumptos de grande estylo. Mas, para a canção, ficou sempre a fórma predilecta da redondilha, herdada da poesia latina da decadencia. Ha muitos outros versos, referidos na antiga e na nova Arte Poetica, como muitos estylos na rethorica dos velhos e modernos Quintilianos, o que não é de admirar, porque, em todos os outros generos de arte, isto é, da architectura, da pintura, da esculptura e da musica, a fórma, o estylo e a maneira não são os mesmos para todos os assumptos.

E... não vamos mais longe; está legitimamente justificada a fórma esculpturalmente parnasiana destes versos, cuja musa se inspira nos grandes problemas da alma e do destino humano. Muito joven embora, a poetisa Henriqueta Lisboa prefere, o que é raro no seu sexo e na sua edade, aos assumptos ligeiros, aos *bibelots* literarios, os grandes assumptos do pensamento e as altas regiões do sentimento.

Por isso não se encontram neste livro, de tão amplos descortinos, senão grandes linhas, aspectos magestosos, concepções profundas. Artista e pensadora, Henriqueta Lisboa não achou para a encarnação do seu ideal de belleza versos melhores que o alexandrino e o heroico. Enfrentando galhardamente a vaga reaccionaria contra a regularidade metrica, a rima e a uniformidade da poesia classica, ella levanta essa cidadélla inexpugnavel de sonetos, que, na estructura de sua fórma, desafiam confronto com os melhores

da escola parnasiana, e no valor intrinseco da inspiração, não cedem em novidade, em vibração, em dynamismo, aos mais avançados dos modernos.

Só guerreia o soneto quem o não pode fazer perfeito, ou dar-lhe o brilho de originalidade. A hostilidade movida contra as rimas só pode partir dos que são incapazes ou não se querem dar ao trabalho de produzir uma obra engenhosa de arte bem acabada. Se a palavra que rima é elemento substancial e anatomico do organismo da estrophe, porque combater a rima, que é um remate musical do verso?

Henriqueta Lisboa demonstra victoriosamente poder a arte moderna caber na fórma classica, sem perder absolutamente o fremito de azas do espirito do progresso.

Adoptem outros, se o quizerem, sincera ou mentirosamente, os versos voluntariamente desmetrificados; a poetisa do FOGO FATUO, desmentindo o titulo do livro, ha de sempre escolher para o seu peregrino sentimento do bello, as fórmas indestructiveis da arte, cujas leis se enraizam na natureza da cousas.

Ha talvez uma razão psychologica para que a poetisa tenha escolhido a fórma austera dos sonetos em alexandrinos, na maior parte do seu livro, provavelmente o seu sentimento religioso, alliado a uma robusta cultura de disciplina catholica. Estylo e fórma de cathedraes... em contraste com os marmores pagãos de Francisca Julia, a quem succede no principado do Parnaso feminino.

Se não é plausivel a razão apontada, que apresente outras a critica, uma vez que, escrevendo estas linhas, não tenho outro intuito senão o de fazer publico o meu enthusiasmo pela producção de uma artista de raça, descenden-

te do mesmo tronco de onde brotou a musa de Barbara Heliodora de Alvarenga...

Não cito de preferencia nenhum dos trabalhos, com receio de preterir talvez os melhores. Ha em todos pensamento, poesia, emoção. Nenhum é futil, ou frivolo, ou banal, quer desenhe uma paysagem, quer analyse um estado de alma. Sem degenerar em didacticismo, a poetisa reveste, numa das partes do livro — SUAVES ADVERTENCIAS, a toga apostolar e revela-se uma eximia psychóloga, com uma intuição admiravel dos problemas da vida da alma. E', principalmente nesta parte, que se pode apreciar o raro dom de bondade alliado ao genio artistico.

E' um livro perfumado de virtudes e pujante de inspiração poetica.

Não terá o fulgor ephemero que o seu titulo indica, mas brilhará permanentemente, como estrella de primeira grandeza, entre as melhores da nossa actual literatura.

E' o que penso, na minha admiração, depois de ler e reler os versos deste livro.

Rio, Agosto de 1924.

AUGUSTO DE LIMA.

Fogo Fatuo

Noite. Deusa do mundo a treva se proclama,
ebria da escuridão que a toda parte leva.
De subito, porem, no desejo que a inflamma,
vívida labareda, a arder, do pó se eleva.

Mas, bocca escancarada, ás tontas, sobre a chamma,
como loba faminta a farejar a ceva,
na volupia fatal de destruir o que infama,
pesnastra a cabelleira, é vencedora a treva.

Fogo Fatuo, a affrontar da noite o amplo reducto,
morre da mesma vida em que heroico se estorça,
queima-se por fulgir na gloria de um minuto.

E passa, achando o fim do sonho em seu inicio,
no orgulho da renuncia imposta pela força,
na suprema oblação do proprio sacrificio !...

OFFERENDA

A meus Paes

Pae! que me dás amor e me dás pão
—pão que consola e amor que me sustenta,
amor que põe de joelhos a alma attenta,
pão que beijo a chorar de gratidão.

Mãe! que me dás a vida e o coração
—coração que herdo e vida que me alenta,
vida de que minh'alma se alimenta,
coração que me serve de razão.

Pae! columna de gloria que me eleva!
Mãe! pedaço de céo que é meu repouso...
—força e doçura para a minha treva—

baixae os olhos humidos de pranto,
pois que o peito mostraes sempre piedoso,
para estes versos que até vós levanto.

Dansa dos pensamentos e das emoções

Piedade

Num tumulto de cháos, do plebeu ao monarcha,
se esforce, em convulsão, toda a face da terra.
Arde a inveja no beijo, a honra faz-se mais parca,
desnuda-se o pudor e, em sangue, espuma a guerra.

No oceano do prazer que o mundo inteiro abarca,
alheio ao vendaval que pelos ares erra,
doido, o homem larga á sorte á minuscula barca,
que a lucta por vencer mais que o fracasso o aterra.

Emtanto, á hora da calma em que adormece o mundo,
esbatendo-lhe a sombra a rudeza dos traços,
o peito se me alarga, em compaixão immerso...

E é neste immenso dó de que então me aprofundo,
que me vem o desejo ideal de abrir os braços,
num gesto de perdão para todo o universo!

Redempção

— Eu sou a Dor. Vagueio ao léo, pelas estradas,
para aos homens mostrar minha figura hedionda.
Quantos fogem de mim, lançando-me pedradas,
como se houvesse alguma furna que os esconda!...

Mas não vim para o mal... pois quando passo, em ronda,
a lama e a poeira em ouro esplendem, transformadas;
pois quando elevo a mão para fazer-lhe a monda,
a arvore esteril dá-me os fructos das ramadas!

Gloria ao que não maldiz a força com que algemo,
de renuncia em renuncia ascendendo ao Calvario,
por que se perpetúe o milagre supremo...

Do pincaro do monte ha de ver uma aurora
surgir na perfeição do resplendor mais vario,
a alma nadando em luz, pelo infinito a fóra!

Pantheismo

Senhor, na voz do mar escuto a tua voz ;
na voz do vento a escuto ; a selva erma e sombria,
tua sombra reflecte ; e nos longinquos sóes
que fulguram de noite, em piedosa ardentia,

teu olhar entrevejo, a pairar sobre nós ;
percebo o teu amor na mão que acaricia ;
e quando a ingratidão me larga, triste, a sós,
mais do que nunca eu sinto a tua companhia.

Captiva-me, por isso, o affecto; adoro o oceano;
apraz-me o vendaval, da solidão me ufano,
as estrellas contemplo e procuro a floresta.

Mais ainda, porem, quero da dor o custo,
pois ella symboliza o preludio da Festa
em que hei de ver de perto o teu semblante augusto!

Pensamento

Vulcão incandescente ou limpido remanso,
do espirito nasceste: és o fragor da lucta,
és o canto da paz; e ora acerbo, ora manso,
tens claros de campina e escuridões de gruta.

E's o trabalho hostil, és o calmo descanso,
que ora cede á mentira e ora a verdade escuta;
és o plaustro no qual empós do ideal avanço,
perdido, ás vezes, nos cipós da selva bruta...

Qual migalha de pão que alimente o universo,
bruxoleio de luz que aclare toda a terra,
teces, do nada, a gloria, em teus vôos sublimes!

Mas, si visto de frente és deus, o teu reverso
quanta desfaçatez satanica descerra,
tear de tudo que é vil, ó precursor dos crimes!

Descrença

Chegas, emfim, depois de tantos annos,
Felicidade! E os olhos rasos d'agua,
dou largas á minh'alma, ebria de enganos,
por fugir á prisão da antiga magua.

Mas porque em vez de antegosar os planos
do presagio feliz, na idéa, trago-a,
viva, a recordação dos desenganos,
na volupia da dor que se fez fragua?

E porque em vez de a face resplendente
mostrar, num alvoroço de alegria,
o medo, no meu rosto se revela? . . .

E' que a Felicidade tanto mente,
que, quando vem, cansada de ironia,
já não se pode acreditar mais nella.

Memento...

(A Julia Lopes de Almeida)

Na voz das cousas anda, em accorde perfeito,
a voz da morte. O lenho ao homem: — "Meu amigo,
eu, que hoje sou teu fogo e que hoje sou teu leito,
inda hei de ser um dia a cruz do teu jazigo!" —

Debalde; o homem não crê; nem ouve, calmo o aspeito,
a agua que cáe do céo sem lhe attingir o abrigo:
— "A enxurrada hei de ser do teu sepulcro estreito,
eu, que te mato a sede e que te régo o trigo!" —

E a flor:—"Hei de sorrir, enfeitando-te a cova!" —
—"Hei de arder, "diz o sol, "tu morto, embora, um dia!"—
Diz o tempo:—"O teu rastro, hei de apagar, sem dó"...—

Mas o homem, doido e fatuo, ante a voz que o reprova,
pulsa, ferve, destróe, gargalha, rodopia,
e tomba, feito pó, não sendo mais que pó!

Ascensão

A' noite, dentro em mim, ha uma estranha harmonia
que me dirige a penna, a vacillar, nervosa.
E eu a sinto mais pura, e vejo-a mais formosa,
si em jorros, sobre a fronte, o luar me acaricia.

No silencio do quarto, a mão tremula e fria,
entrelaçando, então, numa rosa outra rosa,
—um verso noutro verso—a alma ascende, gloriosa,
livre, pela amplidão, nas asas da Poesia.

Quando se me depare a belleza suprema,
hei de lhes aos pés prostar-me, a pedir-lhe esta graça:
que, si falte perfume ou vida ao meu estemma,

num segundo, o transforme a deusa, por milagre,
e da humilde corôa um ninho excelso faça,
que a fronte me circumde e artista me consagre !

A um original

Eu, que no fundo da tua alma leio,
vendo-te a mascara, por vezes scismo
na razão pela qual, de crenças cheio,
tu te mostras nublado em scepticismo.

Ha nesta alma a apparencia de um abysmo;
rolou por elle a dentro o meu receio,
que, por milagre de um estranho egoismo,
todo o mal que resume á tona veiu.

Porque tanto thesouro assim latente
guardas, e accendes o aço das pupillas,
si o que mais feres é o teu proprio ambiente?

E's tão manso, alto mar!... Mas nestas aguas,
em busca de paragens mais tranquillas,
quantos batéis não vão de encontro ás fraguas!

A um poeta

(J. Carlos Lisboa)

Eu, que te vi tersando o verso parnasiano
para nelle engastar a perola da rima,
á procura dos sons, torcendo a forma, ufano,
para realce maior no lavor da obra-prima ;

vejo-te agora mais sincero, mais humano,
a celebrar o amor que te arrebata acima,
em lyra tão subtil, que espirito profano
não se pode embeber na graça que a sublima.

Porque a alma se te abriu, como uma fronde no ar,
para o deslumbramento hieratico do Amor,
teces teus poemas de arabescos, como o luar...

E essa transformação em que todo te esvaes,
lembra a de um bravo que se faça trovador,
num torneio gentil de lendas medievaes...

Felizes

(A José de Vilhena Paiva)

Feliz o que passar pela terra, deixando
um pouco de belleza esparsa no caminho,
e aquelle que pudér gravar num pergaminho
uma restea de luz—o seu nome aureolando;

feliz o que soubér manter-se firme, quando
a vertigem da dor o cercar, num remoinho,
e aquelle que exhaurir na doçura de um ninho
o perfume do amor, sob o azul do céo pando;

e o que se embevecer na graça dos matizes,
e o que o pomo entrevir do seu ideal fecundo,
e o que achar no silencio a musica de um som . . .

E entre todos, feliz, mais feliz dos felizes,
aquelle que passar, solerte, pelo mundo,
carregando no peito o orgulho de ser bom!

Symbolo

Por sobre o toucador, numa jarra formosa,
ostenta a graça, o porte e o orgulho de Mais Bella,
uma rosa purpurea, uma esplendente rosa,
tão fresca que me lembra uma flor de aquarella.

Dentre as folhas se apruma, altaneira e gloriosa
como um grito de amor que em triumpho se revela,
num momento de fé, á luz do luar, piedosa,
na divina illusão que uma alma a outra alma sella.

Nas petalas de seda os olhos tristes ponho,
presentindo que em breve as veja em agonia,
no marmore a cahir, quaes lagrimas de sangue.

E através desta rosa, eu diviso o meu sonho,
que hoje tanta belleza e frescura irradia,
mas que amanhã, talvez se esfolhe, inerte e exangue...

Sonho

(A Mario Azevedo)

Entro. Deserta a nave. O pó de ouro do occaso
vem morrer, através dos vidros coloridos,
aos pés da cruz, no altar. Ante ao sacrario, um vaso,
guarda piedosamente uns lyrios esquecidos...

A' sombra do silencio, eu me ajoelho, ao acaso,
numa vida interior esquecendo os sentidos;
e nesta solidão de que ninguem faz caso,
vibram dentro em meu ser, seres incomprehendidos.

Sonho a revelação da Justiça, no mundo
em que uma aurora invicta abra as trevas espessas,
em rosas transformando o ideal mais infecundo,

e as corôas de espinho, enlaçando, a brilhar,
mudadas em laureis, sobre as tantas cabeças
dos sem pão, dos sem luz, dos sem dó, dos sem lar.

A' memoria de Francisca Julia

Sobre um plintho de pedra, o louro á nivea fronte,
cinzel á mão segura, a Esculptora trabalha.
Não ha belleza, mais revel, que não desponte
num entono viril, dos Marmores que talha.

Vae-se cobrindo pouco a pouco o amplo horizonte
dos blocos de Carrara, incolumes de falha,
por cujo dorso já correu, limpida, a fonte
de limpido crystal, que é a fonte de Castália.

Acabado o lavor da obra-prima, ella cobre
sua alma, affeita ao lar, de um mystico silencio...
Depois, o sino plange um dia, em longo dobre...

E a Artista vae viver na cathedral marmorea
construida por si propria — o horror da morte, vence-o! —
na alta aristocracia authentica da Gloria!

A' memoria de Ruy Barbosa

(Por occasião de sua morte)

Rasgue-se em pranto o céo! Ulule, doido, o vento!
Desgrenhe-se a floresta! Encha-se todo o espaço
de convulsões de dor e gritos de lamento,
unindo a Patria inteira em pavoroso abraço!

De joelhos caia, agora, humilde, num memento,
no occaso o sol! Retenha a Humanidade o passo,
para beijar o pó, hieratico e sangrento,
da terra que recebe o Genio em seu regaço.

Chovam sobre esse pó as lagrimas de fel
da Patria,—esposa e mãe, filha e irmã,—sem consolo,
que desse barro santo, assim formado, é que ha de

levantar-se viril, sob o halo de um laurel,
a estatua do Homem-Luz, a estatua que vae pol-o
entre os braços da Gloria e da Immortalidade!

A' memoria de Pedro I

(Por occasião do Centenario da
Independencia do Brasil

Nas varzeas do Ypiranga, ha cem annos: adusto,
como um symbolo, baixa o sol a aurea corôa.
E, a cavallo, entre os seus, soffreando o peito, a custo,
o Principe relê as cartas de Lisbôa.

Mas, de subito, o olhar em fogo, erecto o busto,
violento como um leão que se não fere a tôa,
desnuda a fronte, a espada em riste, ébrio e venusto,
sólta o brado viril que a serra ao longe ecôa.

Si a fronte lhe cingiu a aureola da conquista,
para a perpetuação de um sonho de belleza,
é que o heróe, de ideal sentindo a alma repleta,

sonhava como poeta e amava como artista:
artista—era-lhe a patria a flor da natureza,
e tinha um pouco mais do que vinte annos — poeta!

A Nossa Senhora

Lyra, quantas canções de gloria tu desferes !
Rosa, quanta belleza engastas á corôa !
Ave, plena de graça entre as demais mulheres !
Ave, «Porta do céo» por onde a luz se escôa !

«Aurea mansão» que guarda os anjos esmoleres
da palavra que salva e do olhar que perdôa,
unindo ao firmamento a terra, os astros feres,
ó «Torre de marfim» que nunca se esborôa !

«Caçoula espiritual», Virgem dos suaves ritos,
lyrio mais branco do que os lyrios dos altares,
«Estrella da manhã», «Consolo dos afflictos»!

E's o caminho da verdade por que trilha
minha alma, florescendo em risos e pesares,
arrastando a teus pés o meu amor de filha!

Homem

I

(A J. A. Nogueira)

Nascido para a luz, que possa merecer,
todo homem tem, innata, a idéa do infinito.
Esfalfa-se, a luctar, na ansia de o conhecer,
mas o mysterio surge, embargando-lhe o fito.

Revolta-se-lhe o orgulho ; estremece-lhe o ser ;
e de alma quebrantada e coração afflicto,
do goso ou do trabalho inutil quer fazer
o tumultuoso cháos que abafe o proprio grito.

Não sacia o labor, nem ha gosos que domem
teu desejo ! E restricta, a curva do horizonte
põe marcos de grilhões a toda alma captiva !

E' que, erguendo demais tua cabeça, ó Homem,
não podes ver aos pés, no caminho, essa fonte
que mata a sede eterna — a fonte d'agua viva !

II

Por mais que o homem desdenhe a Divindade e insista
na ideia de destruir, num contrasenso, o Ideal,
como dos olhos nasce o sentido da vista,
da essencia humana brota o sonho espiritual.

Mesmo no coração do vil materialista
que apenas vê na morte o cruel ponto final,
achando a vida uma ansia inutil de conquista,
um resquicio ha de haver do Sobrenatural.

Dizei-me, ó vós, que só viveis para a materia,
na negação de Deus, quando olhaes ao redor
da vossa solidão, perante a noite vasta,

não ouvis com remorso uma surdina etherea
que vos fala do alem, de uma vida melhor
e que, no emtanto, o medo, ó covardes, afasta ?

As tres vozes

I

A voz do homem

Este desejo doido que me mata
dando-me forças para a vida, é o hymno
que desde o berço em pranto me arrebata,
na visão de um futuro que imagino.

Alegria espontanea, angustia innata,
ora avança e ora foge ; é como um sino
que humano ás vezes a se rir desata,
e ás vezes plange, em lagrimas, divino...

Esperança febril, saudade meiga,
branda loucura, crença sem piedade,
errando do deserto para a veiga...

Tudo isto eu sinto a um tempo, dividida
minha alma, em busca da Felicidade,
mais ciosa della que da propria vida!

II

A voz da Sombra

Tu que buscando vaes Felicidade,
pobre viajor cansado, de hora em hora,
de illusão a illusão e de cidade
em cidade, indagando onde ella mora...

Esse teu gesto de torturas ha de
extravasar-se pela vida em fóra
— homem cumprindo a lei da humanidade,
hoje, amanhã, depois, tal como outr'ora.

Mas si a buscas assim, dize, o que encerra,
o seu reino qual é, qual é seu culto,
como poude baixar do céo á terra ?

Dize, o que opera n'alma quando a invade,
como se mostra, e emfim, viajor estulto,
dize, a que chamas, tu, Felicidade ?...

III

A voz da Luz

Homem, não corras tanto atrás do objecto
desconhecido, em que a alma se extasia,
pois, julgando que o guardas sob o tecto,
talvez tenhas a casa mais vazia...

Toma o cajado e vae, caminho recto,
e si te apraz alguma phantasia,
fecha os olhos, depressa, antes que, abjecto,
se torne o sonho feito de esthesia.

Não acredites que a ventura seja
alguma deusa amante que já quiz
alguem no mundo com fidelidade...

Ella é longinqua e vaga... é névoa : adeja...
E tu serias muito mais feliz,
si não buscasses a Felicidade.

Dansa das paysagens que se me revelaram

(A Augusto de Lima)

Aquarella

Encrespa-se do lago, ao de leve, o semblante,
pelo impulso que dão os remos, de vagar.
E a gondola se vae, indolente, ondulante,
sobre o liquido espelho argenteo, a deslisar.

Segue-lhe o rastro, o vulto alviplumeo, fluctuante,
como um lyrio do lago, um cysne cor de luar.
E a perder-se na sombra, a selva basta, adiante,
ondeia ao vento, a coma espessa, a farfalhar.

Surge a primeira estrella, a brilhar, de repente;
e a penumbra ao revéz, brandindo, escura, o açoite,
deixa nodoas em tudo, amortecidamente...

Morre a brisa, sem ter um antro em que se acoite.
E a gondola se vae, ondulante, indolente,
emquanto a lua se abre, amortalhando a noite.

Ao mar

De pé sobre o rochedo, á hora em que brame o vento
em trompas e clarins, numa orgia de notas,
venho gosar da tua gloria, ó mar violento,
que intimidas até tuas alvas gaivotas!

E' de sonho tambem, ó mar, que me alimento!
Vivem do mesmo ideal nossas almas devotas!
E é nesta communhão de orgulho e de tormento,
que juntos vamos nós por paragens ignotas.

Quero-te grande, assim, quando elevas as vagas,
tornando-as cada vez mais altas e gloriosas,
fustigando-as no anseio em que nunca desmaias !

E depois de as levar ás mais remotas plagas,
para as engrinaldar de espumas luminosas,
atirando-as de esmola ao balanço das praias !

Extase

Abre as janellas da varanda, abre-as de par
em par, que o céo se inflamma e se incendeia, doudo,
numa apotheose rubra, ensanguentando o mar,
que de rastro a seus pés, se transforma de todo.

Ouve-o, o oceano tigrino, humillimo, a cantar
numa extremada uncção, como um velho rhapsodo,
incensando a Belleza — a alma artista a vibrar,
esquecido que cruel já foi no seu denodo.

Olha o disco do sol, numa scintillação
de brasas e coraes, de rubis e amethystas,
— morre, para amanhã renascer, mais vermelho!

Vê que a terra se dá ao céo, numa oblação...
E si tiveres alma, em tudo quanto avistas,
presentirás o deus perante o qual me ajoelho!

Vesperal

A penumbra de gaze avulta, avelludando
as petalas sem cor da rosa semi-aberta.
Passam, luzindo no alto, asas niveas em bando,
em busca do calor que a ramaria offerta.

O alvacento perfil da cathedral deserta
cujo ambiente inda vae de incenso trescalando,
já desmaia na sombra... E a Noite, que desperta,
vem das nuvens o pallio abrindo, escuro e pando.

No labio verde, a alfombra humedecida, bebe
as gottas do rocio . . . O zephyro indolente
vem trazendo no plaustro embriaguezes de aroma . . .

Emquanto a alma na dor, scismatica, se embebe,
o céo desabotôa o escrinio, de repente,
e no occaso, a tremer, Vesper, fulgida, assoma.

Harmonia

Abre-se, sobre o mar, num gesto de arrepio,
a lua, como um leque orlado de cambraia.
E como um bando a rir de creanças, pela praia,
vêm as vagas dansando, as mãos dadas, a fio.

Canta, trêmula a voz, tiritando de frio,
num concerto subtil, toda a aléa de faia.
E num gesto de adeus, como um clarão que esmaia,
perde-se no horizonte, a vela de um navio...

Nas auras de um jardim, de aroma e luz banhado,
ondulam sons de violoncellos e de flautas,
abençoando, talvez, a festa de um noivado.

E, olhos vagos, por entre as cortinas de seda,
as estrellas do céo lá vão seguindo — incautas! —
o vulto, fino e só, de um poeta, na alameda...

Montanhas

(A Laurita Lacerda Ribeiro Dias)

Vêde-as : na crispação de vagas colossaes,
sem treguas nem repouso — é o ideal, que as conduz —
sempre firmes, de pé, como forças rivaes,
sentinellas da noite, atalaias da luz.

São arduas como a vida. E si acaso as galgaes
hão de os pés vos rasgar, feitos em sangue e em puz;
e hão de crescer, hostis, tanto mais, quanto mais
lhes vencerdes a escarpa, o hombro curvado á cruz.

Adoro-as, mesmo assim, sobranceiras, estranhas,
ironicas, a olhar de cima, a turba-multa,
abrindo em cada tronco a rama de um pennacho !

Porque entre ellas nasci, sou tal qual as montanhas :
pairo no pedestal do sonho em que a alma avulta,
olhando com desdêm as planicies, lá em baixo !...

Nocturno

(A Humberto Lisboa)

De uma janella aberta, a fronte núa
que a viração refresca, á noite, eu penso...
Eis-me a fitar a branda e esquiva lua
—hostia opalina de um sacrario immenso.

E emquanto na minha alma se insinúa
o lyrismo que paira no ar, suspenso,
da via-lactea, solto, o véo fluctúa,
pontilhado de sóes,—névoa de incenso.

Pouso o olhar no jardim, neste momento;
e escutando um rumor de onda aromal
que ascende aos ares, num deslumbramento,

declarações de amor percebo, francas,
que estão fazendo os cravos de coral,
ajoelhados aos pés das rosas brancas.

VISÃO ROMANTICA

Pobre amor!...

Vive — bem sei — o teu antigo affecto,
no claro-escuro que a saudade pinta:
no teu silencio, como um lago, quieto,
não ha rumor de vozes que eu não sinta!

Vive tambem o meu, sem pão, nem tecto,
através da esperança quasi extincta:
o meu olhar é o cantharo repleto
que do passado trouxe esta agua tinta...

No entretanto, mais longe, dia a dia,
fica da tua a estrada por que passo:
cresce o deserto que nos distancia...

Paira á noite da duvida no espaço...
E o nosso amor, sem bussola, sem guia,
vae morrer no caminho, de cansaço!...

Remorso

(A Margarida Lopes de Almeida)

Si alguma vez bateste á minha porta,
sem que eu a abrisse para dar-te o pão,
hoje sou eu que te procuro, e em vão,
pedindo allivio á dor que me transporta.

Cáia-me sobre a fronte o teu perdão,
si alguma vez te disse: — «Que me importa
si, rude, o inverno teu caminho corta,
desde que eterno sinta o meu verão?» —

Quem o curso das sortes adivinha?...
Hoje, afinal, só hoje, que tropeço,
vejo que tudo é um nada de illusão!...

Si á tua mão fechei outr'ora a minha,
negando a esmola que ao mendigo peço,
abre, por Deus, á minha a tua mão!...

Em surdina...

Quando te esqueces de vir ver-me á tarde,
á hora em que a alma se torna mais sombria,
si a luz do sol entre ondas louras arde,
meus olhos choram de melancolia...

Porem, si chove, sem fazer alarde,
eu me consólo, á espera de outro dia,
quando te esqueces de vir ver-me á tarde,
á hora em que tudo ao derredor se esfria...

Que o sol — és como um sol; eu, como o occaso —
a alma de fogo a transvasar no poente,
me lembra, num contraste, o teu descaso...

Mas quando chove — em todo o mal ha bens —
eu me ponho a pensar, ingenuamente,
que é por causa da chuva que não vens...

Minha historia romantica

No jardim do meu sonho, outr'ora, quando entrava
na vida, ao resplendor de um sol cor de cereja,
tive a promessa de uma flor que despontava,
na illusão de quem vae possuir o que deseja.

E, ardente, do calor da minha alma, que é lava,
fulgida, á luz do olhar que nunca mais se veja,
tendo por humidade o pranto que eu chorava,
a flor se abriu, sorrindo, á sombra de uma egreja...

Uma tarde, porem, sinto que me envenena...
E na volupia de augmentar a propria pena,
espedaço-a nas mãos! O' dor, que me confortas!

Hoje, a sós, no jardim, ás horas tardas, quedo,
vendo, entre um goso estranho e uma impressão de medo,
boiarem na piscina umas petalas mortas!...

Minha historia symbolica

(A' MEMORIA DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

Meu coração é como o lago adormecido
que espelha no crystal a silhueta de um horto,
embalando no seio o symbolo perdido
de um sonho que é mais meu, agora que está morto...

Como o cego, a que resta apenas o conforto
de guardar na retina o ultimo olhar vertido,
somnambulo represo entre as curvas do porto,
meu coração, divaga, ás vezes, sem sentido...

A paysagem de em roda—alma cheia de maguas —
na harmonia a ondular da limpida aquarella,
não quer outra illusão que a de se ver nas aguas...

E eu fico sem saber si foi —debalde o indago—
o lago que morreu para ficar com ella,
ou ella que ficou para morrer com o lago...

Abnegação

Eu estava sonhando... Accordei-me... Afinal,
ha sempre um accordar na vida a que me presto.
Foi tão lindo o meu sonho e tão suave o teu gesto,
que eu me sinto feliz como dantes, tal qual...

E' mistér que assim seja... Impassivel, glacial,
nem nos olhos demonstro o minimo protesto.
Mas pensar que tu vaes soffrer durante o resto
da vida... Oh! não! Tu, não! Para mim todo o mal!...

Descerro os labios para o adeus, como si fosse
cantar a ultima rima em que um poema se estiola,
abençoando, a morrer, o seu fado revel...

Chorar ?... Porque chorar ? Meu amor é tão doce,
que até para que eu diga adeus, como de esmola,
me põe na bocca amarga um resaibo de mel...

Desmoronamento

Sob o influxo do sol em que surgiste, Ideal,
fiz da minha alma um throno, e do amor fiz um culto.
Das rosas que espalhava ao redor do teu vulto
é que vinha, estonteante, essa ronda aromal.

Mas depois de esplender, erguido ao pedestal,
tu, que eras mais que um rei, para o meu sonho inculto,
tombas do alto por terra, aos trons de um temporal,
ó espectro da illusão que em lagrimas sepulto !

E agora que te vejo a estatua espedaçada,
—rendida a fortaleza entre as ruinas do escombro—
o que me traz allivio, o que me causa assombro,

e sentir que ante a tumba em que a deixo enterrada,
genuflexa na treva espessa do meu dó,
inda adoro esta cinza, inda beijo este pó!...

SUAVES ADVERTENCIAS

(A meus irmãos)

I

Guarda o teu coração numa redoma
que o preserve do vento incauto e abjecto,
—esse que esfolha a linda flor do affecto,
e do amor, gotta a gotta, a algalia toma.

Fecha os olhos á luz do sonho inquieto
que vive a vida ephemera do aroma.
E embora vibre de ansias mil repleto,
o teu desejo de prazeres doma.

Espera suavemente a tua vez...
Para que o Amor, na pia baptismal,
da tua alma através da limpidez,

mostre a belleza inedita da vida,
como, através de um prisma de crystal,
o sol nos mostra a luz desconhecida.

II

Si na gaiola de ouro do teu peito,
sobre um ninho de rosas ou de pluma,
teu coração reclina, satisfeito,
sem desejar mais do que tenha, em summa,

não fiques da janella ao parapeito;
quando entardece, em scisma, o olhar de bruma,
contemplando o horizonte rarefeito,
vendo as nuvens que fogem, de uma a uma . . .

Porque á hora em que a noite se avizinha
nas ondas do crepusculo tristonho,
ao perfume da brisa que se evade,

ás vezes basta um vôo de andorinha,
para que a alma desperte para o Sonho
e feche os olhos á Felicidade.

III

Foge da chamma, livra-te das brasas:
ha certas queimaduras infelizes
que, por mais leves e que, por mais rasas,
não se tornam jamais em cicatrizes.

Perto da luz, Libellula, estas asas
não leves nunca... (Hão de passar as crises.)
... mesmo que soffras, na ansia em que te abrasas,
por contemplar-lhe os fulgidos matizes.

Destes conselhos faze o teu compendio,
que em cinza o fogo logo se transforma.
Quando sentires o calor de um halo,

pensa no estrago que acarreta o incendio.
Lembra-te, sobretudo, como norma,
que uma faisca basta para ateal-o.

IV

Si te sentes feliz, ao maltrapilho
não vás dizer tua alegria louca;
chora com elle si elle chora, filho,
porque o mal em commum se abranda e apouca.

Canta alegre do jubilo o estribilho,
junto de voz que inda não seja rouca;
mas da miseria pelo longo trilho
não passes nunca de prazer na bocca.

Si ao desditoso queres fazer graça,
despe este manto que dirá que és nobre,
cilicio põe, de joias ao revéz. . .

Porque a ventura em frente da desgraça,
quanto mais em favores se desdobre,
mais a esmaga debaixo de seus pés.

V

Guarda em meio das dores deste mundo
a alegria interior que a alma embelleze:
embora soffras de algum mal profundo,
és passivel da propria catechese.

O semblante não tragas iracundo
para que aos outros tua dor não pese,
nem te morda a ironia, que no fundo,
ninguem pode entender alheia these.

Chora somente quando o pranto acalma
o bafo morno em que te envolva o tedio,
abrindo logo ao riso as portas da alma...

Para que quando vier pesar mais vivo,
não tenhas de chorar, sem mais remedio,
as lagrimas choradas sem motivo.

VI

Não te afflijas demais por tua dor,
que os dias hão de ao seio acalental-a.
E' supportavel, seja lá qual for,
si não procuras augmentar-lhe a escala.

Não tomes nunca este ar de soffredor
quando o pesar o coração te rala:
o tempo é o grande mago destruidor
que nos desmente, a cada instante, a fala.

Como a vista a que o sol falta de brusco,
e que de olhar em roda não se cansa,
tudo revê de novo, ao lusco-fusco,

á alma tambem, de subito ferida,
trazendo os olhos fitos na esperança,
aos poucos volta o gosto pela vida.

VII

Por mais formosa que a illusão pareça
e que te encante o ouvido e embriague o olfacto,
não lhe passes a mão pela cabeça,
não busques o calor do seu contacto.

Astro que faz a treva mais espessa,
triumpho que leva para o desbarato,
pobre é aquelle que della se enriqueça,
pois nada tem nem para si, de facto.

Alva espuma de renda á flor das fraguas,
tomada á mão, bem mostra de onde veiu:
torna-se turva como as outras aguas . . .

Olha-a somente pelo prisma da arte!
Si a aninhares, ó louco! no teu seio,
ha de sorrindo, um dia, estrangular-te.

VIII

Tu que buscas o Bem por toda parte,
numa sede indomavel de o vencer,
ora envolvido nos teus sonhos de arte,
ora inflammado em estos de saber:

tu que o queres á sombra do estandarte
do Amor, onde aos teus labios venha ter
o almo licor que finalmente os farte,
no repouso absoluto do teu ser;

tu que o procuras percorrendo os mundos
através das idades, de éste a oéste,
na pesquisa de arcanos tão profundos,

cego! vê que a Virtude estende a mão
para levar-te ao fim que te impuzeste!
Não desperdices o teu tempo em vão!

Poema dos dias de chuva

(A Pedro A. Pinto,

Noraldino Lima

e J. Oswaldo de Araujo)

Lyrismo

Chova . . . Caiam os fios de crystal
sobre as aléas do jardim, de brando,
numa linda cadencia musical,
a corolla dos lyrios orvalhando.

Caiam, do céo de opala, entrebailando
ao som do proprio cantico ritual,
numa tristeza mystica, chorando
as amarguras de sentimental.

Embora alague a chuva o meu jardim,
esfazendo-lhe em nevoa os aureos sonhos,
quero sentil-a muito tempo, assim . . .

Porque assim, lyrica, a embalar-me o ser,
inspira os versos suaves e tristonhos,
que nos dias de sol não sei fazer . . .

Commoção

Chove. Lá fóra, as ruas alagadas...
Esta chuva que tomba, suavemente,
tem caricias tão finas e geladas
que penetram até na alma da gente...

Erma, a sala. As vidraças, já fechadas;
e apoiada a uma d'ellas, tristemente,
olho a chuva a lavar jardins, calçadas...
Só não lava a tristeza deste ambiente!

Dentro, um rumor. Despetalada, a rosa,
que da jarra se erguia, cáe no piano,
pondo alvas nodoas no ebano polido.

Só agora me lembro : faz um anno !
Por isso é que está tudo commovido
e que a minha alma treme, lacrimosa . . .

Bonança

Choveu. Como foi boa a chuva! Como
tudo está lindo, pela tarde a fóra!
A paysagem sorri á nova aurora,
abrindo os braços, num primeiro assomo.

Sob os dedos do sol, a arvore córa,
vendo os fructos dourados, pomo a pomo.
E, sentindo uma inveja que não domo,
tenho desejo de ser tarde, agora...

Fico á janella. Sacudindo as asas,
como um repuxo, o arco-iris se espadana,
serpentinas lançando sobre as casas.

Penso que a tarde, cheia de alvoroço,
é a boneca, talvez de porcelana,
que enxuga os olhos de algum poeta moço...

Ingenuidade

Abandonada pelo céo, chorando,
rolava a chuva em bagas sobre a poeira.
E eu, a espera da nova alviçareira,
rosas não via ao vento se esfolhando . . .

Ha tanto tempo . . . já nem sei mais quando !
(Inda não veiu a nova alviçareira . . .
E eis outra vez a chuva, que peneira
pelos chapéos das arvores em bando.)

Embora andasse á solta estranha magua,
enchendo, a tôa, tantos olhos d'agua,
(Hoje, esta ingenuidade já se cansa. . .)

eu gargalhava como um rouxinol,
em cada gotta d'agua vendo um sol,
vendo, em cada abandono, uma esperança !

Evocação

E' pelas tardes longas e serenas,
quando desce a cantar a chuva mansa,
que eu gosto de evocar antigas penas,
na attitude outonal de quem descansa . . .

E da penumbra, leves como pennas,
ante os meus olhos mysticos de creança,
surgem as maguas desenhando scenas,
ao rythmo vagaroso de uma dansa,

A primeira saudade chega, a passo,
numa scintillação de estrella morta,
cujo rastro deixasse luz no espaço...

Vêm as outras depois... e a derradeira...
Mas nenhuma, entre todas, me transporta
e me commove mais do que a primeira!

Poema das noites de luar

(A Lucilia Barbosa

Maria Azevedo

e Maria de Lourdes Martins)

A saudade que passou...

Noite. Estou só, no parque. A lua, no alto, se abre
como a asa espalma de uma pomba.
Entra-me o peito como um sabre
cada uma hora que tomba...

Vêm, sobre a areia, as sombras do arvoredo
mil arabescos desenhar.
Vão desfazer-se á brisa, muito cedo,
castellos no ar...

No centro da piscina, então, de porcelana,
como um desejo que a subir se atreve,
um fio d'agua se espadana
desfiando perolas de neve...

Mas as perolas cáem, suavemente,
morto o sonho fugaz,
neste abandono doente
que ha em cada illusão que se desfaz...

O céo longinquo se entrelaça
das teias de ouro da insondavel mina.
E dentro desta noite immensa que perpassa,
como eu me sinto pequenina!

Foi numa noite assim, quebrantada de aroma,
que eu vi surgir seu vulto á luz dos astros,
como uma santa de redoma,
cabellos louros e denastros...

Chegou-se a mim. Tomei-lhe as mãos. Eram tão frias
que gelaram as minhas ao contacto.
Tinha na voz as flebeis melodias
das aguas de um regato.

E olhos nos meus, falou : (eu lhe vi no olhar suave
brilhos d'agua a tremer em folha verde)
— « Ave que vae catando as plumas de uma outra ave,
sou a esteira que larga o barco que se perde » . . . —

— « Filha, indaguei, qual é teu nome, então ?» —
— «O meu nome é Saudade. Adeus. . .Esquece. . .» —
Havia folhas espalhadas pelo chão,
mas o vento as levou, num sussurro de prece.

— « Adeus » . . .—E foi-se embora, branca e esguia,
o andar tão leve que era quasi um vôo. . .
Achei tão triste a sua companhia ! . . .
. . . . . .
mas é mais triste ainda o vacuo que deixou ! . . .

Confidencia

Toda a noite, a velar o somno do infinito,
como a enfermeira que não dorme,
a lua andou vagando a passo afflicto,
nos corredores do convento enorme . . .

Uma por uma, as portas
do céo, foram vedando as luzes, de fadiga.
Só a lua ficou, nas longas horas mortas,
casta como a visão de uma vestal antiga.

E agora, que a palheta do levante
se pincela de uns tons de chrysopráso,
e accorda, em rumorejo, a vida circumdante,
a lua vae buscando a solidão do occaso. . .

Como esta lua — alma de poeta, alma de arminho, —
eu só amo o silencio, eu só amo a penumbra.
A penumbra é meu ar, meu romance, meu ninho. . .
E' do silencio a voz que me deslumbra !

Como esta lua — alma de nevoas e pallores —
a minha alma se fecha ao raiar da manhã :
fere-me os olhos o espectaculo das cores !
. . . . . .
Lua, sou tua irmã ! . . .

Deslumbramento

Do céo recurvo, como um lyrio, a lua assoma
por entre estrellas, regiamente.
Ha na expressão do luar o magico symptoma
de um milagre latente...

A via-lactea sólta a cabelleira empoada,
de joias encendida. Em baixo, pela
varzea, scintilla um sol em cada flor, em cada
gotta de orvalho, rútila, uma estrella.

A's margens da agua placida represa,
em que, tal como um barco a vela, o luar deslisa,
as arvores, lembrando os bardos de Veneza,
tangem violões rythmados pela brisa.

E envolta num sendal de crepe vellutineo,
anda a noite somnambula
mostrando as pedras fulgidas do escrinio,
esparzindo o óleo bento que traz na ambula.

Ante o seu vulto de transcendental,
na uncção suavissima deste óleo,
minh'alma faz-se mais espiritual,
e espiritual se torna tudo que ólho.

Arrebatada no deslumbramento
deste estado de graça que me assombra,
abro as asas do ideal subindo ao firmamento,
para fugir á sombra...

E plena do penhor da percepção divina,
numa aureola a brilhar, de um fulgor exquisito,
minh'alma toda se illumina
e vae bater á porta do Infinito!

ULTIMOS VERSOS

O meu livro . . . O meu eu . . . O meu recinto
de amor, que a arte repelle e que a arte excita . . .
Porque vae para a vida, o sonho extincto,
venho miral-o, na ultima visita . .

Vendo que em cada folha aberta, tinto
no proprio sangue, o coração palpita,
que em cada verso a alma fulgúra, sinto
a volupia da gloria ,que é infinita !

Venha o repouso agora ! — Vão desejo ! —
— Porque tão fundo mergulhei a sonda ?. . . —
Na maldição do jugo humano, vejo,

pondo em frente ao Ideal a obra de escol,
que ella busca uma furna em que se esconda
como a sombra, de rastro, em frente ao sol ! . . .

15.

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
000052001 87